

## LAZER E ESCRAVIDÃO NO OITOCENTOS<sup>1</sup>

Eleonora Félix da Silva  
PPGH/UFCG  
[eleonora.felix@hotmail.com](mailto:eleonora.felix@hotmail.com)

O lazer é um dos aspectos da vida do ser humano tão importante quanto o universo do trabalho produtivo. Sendo entendido como o “inverso das obrigações de diferentes naturezas, principalmente das obrigações de trabalho produtivo”, como nos mostra a autora Christianne Werneck.<sup>2</sup> Esta autora ainda destaca que nas últimas décadas o lazer tem ocupado em espaço cada vez maior no cenário social e tem merecido uma crescente preocupação por parte dos estudiosos interessados no assunto – inclusive os historiadores.

O lazer – pensado como não-trabalho, tempo livre dedicado à diversão, à recuperação das energias, fuga das tensões e esquecimentos dos problemas que permeiam a vida cotidiana – vem deixando de ser entendido como algo não sério, tendo sua importância reconhecida.

O lazer faz parte da vida cotidiana das pessoas de diferentes setores sociais, em diferentes épocas, assim nos mostra Maria Izilda S. de Matos.<sup>3</sup> Com as transformações ocorridas nos estudos históricos nesses últimos tempos, o campo do conhecimento histórico tem sido ampliado, abrindo-se então para as experiências cotidianas dos sujeitos históricos, inserindo aí a problemática do lazer, expandindo os limites da escrita da história.

A escrita da história foi renovada nas últimas décadas com os chamados paradigmas emergentes, entre os quais a História Social.<sup>4</sup> Esta foi impulsionada por historiadores como C. Hill, E.Hobsbawn e E. P. Thompson que desenvolveram a História Social Inglesa enfocando as relações entre os grupos sociais, as experiências dos sujeitos históricos e tematizando o agenciar daquelas pessoas considerados como “os de baixo”, ou seja, as pessoas comuns que não estão entre as classes abastardas.

A História Social, sobretudo no tocante as influências de E. P. Thompson, também considera que uma classe não é só economia, é também cultura. Uma pessoa se faz pertencer

---

1 Artigo produzido como atividade final da disciplina “Cotidiano e Lazer na cidade”, ministrada pelo professor Dr. Antônio Clarindo de Souza, do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande.

2 Algumas considerações sobre o lazer em diferentes temporalidades estão em WERNECK, Cristiane. Relações Históricas: o processo de constituição do lazer no mundo ocidental. In: Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas. Belo Horizonte: Ed. UFMG; CELAR-DEFUFMG, 2002. p. 17-78.

3 Ver MATTOS, Maria Izilda Santos de. Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho. Bauru-SP: EDUSC, 2002.

4 Sobre os novos paradigmas ver ARANHA, Gervácio Batista. A História renovada: a emergência dos novos paradigmas. IN: SAECULUM. Revista de História. Jan./Dez./1998/1999. p. 41-72.

a uma classe pela sua experiência, cultura, costumes e tradições, para além da relação capital-trabalho.<sup>5</sup>

A receptividade acadêmica, no que refere-se aos temas e discussões da História Social, redimensionou a escrita da história dos negros e da escravidão, dos trabalhadores e da família (inclusive escrava) no Brasil. Aqui a historiografia sob influência da História Social redimensionou o tema da escravidão nas abordagens sobre a temática, sendo referência teórica constante entre os historiadores, principalmente a partir da década de 1980, no sudeste do país. A partir desse período houve uma proliferação de trabalhos acadêmicos sobre escravidão e abolição no Brasil, centrando-se nas experiências dos escravizados enquanto sujeitos históricos principais.<sup>6</sup>

Diante dessas questões expostas, justifica-se o interesse em problematizar a experiência das diversões entre os negros em meio ao sistema escravista no Brasil do séc. XIX, questionando que lugar tinha e que sentidos eram construídos para a diversão pelos sujeitos escravizados.

Sabe-se que no sistema escravista implantado no Brasil durante o período colonial as pessoas transformadas em escravos não tiveram sua humanidade reconhecida, ou seja, eram consideradas desprovidas de razão e sensibilidade, pois não eram considerados seres humanos judicialmente, sendo consideradas mercadorias. No entanto, as pesquisas mais atuais sobre esta questão têm superado essa noção de escravo-coisa.

Os negros escravizados, porém, como seres humanos, traziam em si sentimentos, que os levaram a reagir contra a coisificação. Eles não foram sujeitos passivos e resistiram às opressões do regime de escravidão, expressando sua racionalidade de diversas formas e até através das suas variadas práticas diversionais.

Hoje, com a renovação dos estudos históricos, os escravos deixaram de ser vistos apenas como mercadorias destituídas de vontades e sensibilidades, sendo reconhecidos também como agentes históricos. Os historiadores reconhecem que os escravos constituíam famílias, viviam religiosidades próprias, tinham suas formas de lazer e agiam para a conquista da própria liberdade.

A história da escravidão no Brasil e na Paraíba não é só feita de submissão. É também a história dessas pessoas comuns, ausentes de privilégios e à margem dos grupos mais

---

5 Para um melhor conhecimento do conceito de classe de E.P.Thompson, ver: "Prefácio". In: A formação da classe operária inglesa. Vol. I. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987. p. 9-14.

6 Sobre a receptividade da História Social no Brasil, ver CASTRO, Hebe, "História Social". In: CARDOSO, C. Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. (org.). Domínios da História. Ensaios de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997. p.45-59.

abastardos da sociedade que integravam. No entanto, reelaboravam sua vivência em meio ao trabalho compulsório. Na condição de escravos eles criavam sua história, no seu cotidiano, na sua vida privada, nas suas ações foram agentes históricos.

Os escravos sujeitos à exaustiva rotina de trabalho tinham, porém, tempo para seus lazeres, sendo festejos e danças comuns nas fazendas e nas cidades do Brasil, como formas de descanso e descarga das agruras da vida.

Ina Von Benzer viajante estrangeira alemã que viveu no Brasil entre 1881 e 1884 fez registros sobre o modo de vida dos brasileiros e narrou uma festa numa fazenda cafeeira onde os negros:

“dançavam ao som dessas harmonias; aliás a dança era executada por uma única pessoa ao centro (...) Pretinhos pulavam e dançavam, atirando fogos para o ar e sob o céu claro”.<sup>7</sup>

O que se percebe é a prática de divertimentos entre os escravos. Para estes tinham um sentido de alívio e descanso, mas as elites viam com desprezo como o que se nota nas palavras da viajante.

Nas cidades os escravos participavam de festas de ruas. Estas eram situações de lazer, que tinham o sentido de descarga da vida sofrida em meio ao trabalho escravo. Para Erick A. de Araújo, “o momento das festas se constituía numa concessão dos aristocratas para que os escravos despejassem as agruras do trabalho”.<sup>8</sup>

Os proprietários tinham os momentos de lazer dos escravos como uma doação dada aos mesmos, enquanto mecanismos de descarga da exaustiva carga de trabalho e recuperação de forças para as atividades laboriosas logo, era uma concessão com fins de controle social.

Os escravos urbanos tinham seus dias de descanso – domingos e dias santos – em que eles aproveitavam para participar das festas religiosas, promovidas pelas irmandades para homenagear padroeiros ou santos de devoção, bem como de outras festas populares. Eram nessas festas que a população escrava não perdia a oportunidade de realizar suas músicas, danças e batuques, tais como o lundu.

É o que pode-se perceber no caso da cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do séc. XIX, que devido a avassaladora quantidade de negros era conhecida como “cidade negra”.

---

7 BINZER, Ina von. Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora no Brasil. 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. p.31. Apud NEVES, Maria de Fátima Rodrigues das. Documentos sobre a escravidão no Brasil. São Paulo: Contexto, 1996. p.46.

8 Ver: ARAÚJO, Erick Assis de. Nos labirintos da cidade: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza. Fortaleza: INESP, 2007. p. 217-249.

Essa escravaria, além de compor o mundo do trabalho como principal mão-de-obra, participava das festas populares, como as “folias do Espírito Santo”. Esta era uma festa em que se verificava uma mistura de práticas sagradas com as profanas, realizada por uma irmandade para homenagear o Divino Espírito Santo e acontecia no Campo de Santana.<sup>9</sup>

Na festa do Divino havia um perfil populacional diversificado, mas predominantemente negro, livres ou escravos, que imprimia à festa os seus próprios sentidos de acordo com seus desejos e paixões. No entanto, a participação de escravos em festas como esta nos seus momentos de lazer era vista de forma temerosa pela elite branca, pois como afirma Carlos E. L. Soares “o momento lúdico podia dar lugar ao político ou, em outras palavras, que a brincadeira degenerasse em crítica, mesmo velada aos donos do poder.”<sup>10</sup>

Segundo o referido autor, essas festas aliviavam o sentimento de revolta da massa cativa contribuindo para a manutenção do sistema, porém podiam constituir-se em espaços onde os escravos expressavam formas de resistência à dominação escravocrata, no momento em que eles estabeleciam redes de solidariedades entre si ou com pessoas livres e estimulando visões críticas nada interessantes para as elites brancas. Isto pode ser verificado na participação de escravos nas irmandades de pretos – ordens terceiras – que serviam não só ao lúdico e festejos, mas que chegavam a colaborar para a efetivação de alforrias de escravos obtidas com a colaboração do grupo.

É interessante destacar o caso de encontros entre escravos e pessoas livres como uma forma de interação dos escravizados com o mundo livre e um caminho para destruir os significados da escravidão, construindo redes de solidariedades. Com estas redes de solidariedades construídas entre escravos e não escravos podiam-se, por exemplo, tramar fugas ou conseguir ajuda de terceiros para comprar alforrias, a partir das relações amistosas estabelecidas nos momentos de lazer. Além de fomentar visões críticas sobre o regime escravista e a defesa de seu fim. Sendo então, estes fatos contribuíram para o declínio da escravidão na Corte durante a segunda metade do séc. XIX.

As festas populares do Rio de Janeiro do séc. XIX contavam com a presença dos capoeiras escravos. A capoeira – somatório de diversas danças rituais na África e aqui virou

---

9 Martha Abreu nos oferece um estudo sobre a origem, o ritual, a popularidade da festa e as danças nela presentes em “Nos requebros do Divino: lundus e festas populares no Rio de Janeiro do séc. XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. (org.) Carnaval e outras festas. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 247-274.

10 Ver SOARES, Carlos Eugênio Libano. “Festa e violência: os capoeiras e as festas populares na Corte do Rio de Janeiro (1809-1890). In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. (org.) Carnaval e outras festas. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 281-310.

uma fusão de luta e dança - fazia parte da cultura popular urbana do Rio de Janeiro. As “maltas de capoeiras” eram:

“ os grupos de indivíduos portadores de facas ou outros instrumentos de agressão e conhecedores do que tradicionalmente denominamos golpes de capoeira, as maltas de capoeiras eram figuras indispensáveis na paisagem social da corte”.<sup>11</sup>

Um dos sentidos da capoeira era o de resistência. “Resistência: a forma como as camadas populares enfrentavam o poder das elites”<sup>12</sup>

Assim, no âmbito urbano a capoeira – jogo e arte - era uma das formas de ação dos escravos enfrentarem a dominação e a falta de liberdade dos seus movimentos. A capoeira funcionava como um mecanismo para enfrentar o aparato policial que os perseguiram e a ordem escravista. Todavia, eles não chegaram a representar heróis da população escrava que lutavam pela liberdade de seu povo.

Os capoeiras participavam dos festejos de rua freqüentados por irmandades e outros segmentos da população para exibir publicamente suas habilidades e garantir o respeito por parte de seus iguais de cor e condição.

Enfim, escravos encontravam na cidade espaços para suas formas de lazer, seus conflitos e solidariedades. Estudando os escravos é possível percebê-los na cena urbana em relações com outros grupos sociais construindo sentidos diversos para a sua vida. Sendo que, “o que os uniam era está nos porões da sociedade, e na última escala do piso estavam os escravos”.<sup>13</sup>

Em seu cotidiano, eles tinham a possibilidade de estabelecer contatos para resistir a escravidão a que eram submetidos. Entre essas possibilidades estavam os usos que faziam quando tinham a oportunidade de divertimento.

O que se pode concluir é que os escravos tinham suas experiências de lazer como formas de não-trabalho. Porém, a tensão entre sua condição de escravos e a busca da liberdade levava-os a dar um sentido específico para suas atividades lúdicas. O sentido de lutar pela liberdade utilizando diversas estratégias para atingir seu objetivo maior: tornar-se livre. Portanto, pode-se entender que o lazer era usado pelos sujeitos escravizados como uma forma de resistência e de trilhar os caminhos para a liberdade.

---

11 idem. ibidem

12 Sobre a origem e práticas diversas da capoeira e os diferentes usos e membros desses grupos, ver SOARES, Carlos Eugênio Líbano. “Golpes de mestres”. In: Revista Nossa História. Ano 1, nº5, março/2004. p.14-20.

13 ibidem

A partir das reflexões acima desenvolvidas numa trabalho bibliográfico, a intenção maior é relacionar com o meu tema de pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em História da UFCG, buscando em indícios que possam contribuir para o estudo das múltiplas formas de resistência escrava em Areia-PB.

### **Referências bibliográficas:**

**ABREU**, Martha. Nos requebros do Divino: lundus e festas populares no Rio de Janeiro do séc. XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira. (org.) Carnaval e outras f(r)estas. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003. p. 247-280.

**ARAÚJO**, Erick Assis de. Nos labirintos da cidade: Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza. Fortaleza: INESP, 2007.

**MATOS**, Maria Izilda Santos. Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p.19-55.

**NEVES**, Maria de Fátima Rodrigues das. Documentos sobre a escravidão no Brasil. São Paulo; Contexto, 1996. p.46.

**SOARES**, Carlos Eugênio Líbano. "Festa e violência: os capoeiras e as festas populares na Corte do Rio de Janeiro (1809-1890)" In: CUNHA, Maria Clementina Pereira.(org.) Carnaval e outras f(r)estas. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2003. p.281-339.

\_\_\_\_\_ "Golpes de mestres". Revista Nossa História. Ano 1, nº5. Março/2004. p.14-20.

**THOMPSON**, E. P. A formação da classe operária inglesa: a árvore da liberdade. Vol. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.9 -14.

